

Uma Análise do Valor Adicionado Fiscal das Microrregiões de Toledo, Cascavel e Foz Do Iguaçu (2007, 2013 e 2018)

Romano Augusto Bebber¹

RESUMO

Tendo como base o valor adicionado fiscal das microrregiões de Cascavel, Toledo e Foz do Iguaçu, segmentado pela CNAE 2.0, este estudo tem como objetivo analisar a estrutura produtiva destas no período 2007-2018, contribuindo para com a compreensão do desenvolvimento e da dinâmica regional verificada. Para tanto, foram utilizados alguns indicadores de análise regional, quais sejam: quociente locacional (QL), o coeficiente de especialização (CE) e o *shift-share* (Diferencial-Estrutural). Como resultado, inferiu-se que as microrregiões de cascavel e Toledo possuem uma estrutura produtiva bastante semelhante em relação aos setores da agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura e indústrias de transformação, mas a microrregião de cascavel possui uma preponderância em relação à microrregião de Toledo no setor de comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas. Sensivelmente distinta daquelas, a microrregião de Foz do Iguaçu tem sua estrutura produtiva calcada principalmente comércio, reparação de veículos automotores, motocicletas, eletricidade e gás.

Palavras-Chave: Valor Adicionado Fiscal; Análise Regional; Microrregiões.

ABSTRACT

Based on the fiscal added value of the microregions of Cascavel, Toledo and Foz do Iguaçu, segmented by CNAE 2.0, this study aims to analyze their productive structure of these regions in the period 2007-2018, contributing to the understanding of development and regional dynamics checked. For this, some regional analysis indicators were used, namely: locational quotient (QL), the specialization coefficient (CE) and the shift-share (Differential-Structural). As a result, it was inferred that the microregions of Cascavel and Toledo have a very similar productive structure in relation to the sectors of agriculture, livestock, forestry, fisheries and aquaculture and transformation industries, but the microregion of Cascavel has a preponderance in relation to the microregion of Toledo in the sector of trade, repair of motor vehicles and motorcycles. Sensibly different from those, the microregion of Foz do Iguaçu has its productive structure based mainly on trade, repair of motor vehicles, motorcycles, electricity and gas.

Keywords: Tax Added Value; Regional Analysis; Microregions.

¹ Economista e Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Agronegócio (PGDRA) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), *Campus* Toledo. E-mail: romano.bebber@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo fazer uma análise da estrutura produtiva das microrregiões de Toledo, Cascavel e Foz do Iguaçu, as quais compõem a mesorregião Oeste do Paraná, com o intuito de identificar seus potenciais econômicos. Denota-se a relevância deste estudo quando verificamos que esta mesorregião foi responsável, em 2017, por 12,63% do PIB total do Estado do Paraná, sendo a terceira mais importante economicamente, atrás da Região Norte Central Paranaense, com 17,53%, e da Região Metropolitana de Curitiba, com 40,11% do total (IPARDES, 2020).

Quando consideramos a variável principal desta análise, o valor adicionado fiscal, a relevância desta região se torna ainda mais evidente. A mesorregião Oeste foi responsável por 14,59% do valor adicionado fiscal do Paraná em 2018, ficando bem próximo do segundo colocado, a mesorregião Norte Central Paranaense, com 15,32%; a Região Metropolitana de Curitiba obteve uma participação percentual de 37,59% (IPARDES, 2020).

Ou seja, as microrregiões que compõem a mesorregião Oeste paranaense são responsáveis por dinâmica econômica expressiva no Estado, além de possuírem uma estrutura produtiva bastante diversificada, o que as tornam interessantes de serem entendidas com um maior aprofundamento. Para tanto, será utilizado, neste trabalho, quatro indicadores específicos de análise regional, os quais embasarão as análises e discussões posteriores; o período a ser analisado serão os anos de 2007, 2013 e 2018.

A estrutura deste trabalho está disposta a partir das seguintes seções: após essa parte introdutória (i), há a seção metodológica (ii), a qual tem por finalidade destacar os fundamentos das variáveis e indicadores a serem utilizados; resultados e discussões (iii), compreendendo os dados obtidos, além das análises descritivas e qualitativas; considerações finais (iv), onde estão apresentadas as principais percepções do autor diante dos resultados obtidos; seguida pelas (v) referências bibliográficas.

2. VALOR ADICIONADO FISCAL

Segundo comenta Fazoli *et al* (2018), o valor adicionado é uma forma de medir e demonstrar a capacidade de geração e distribuição de riqueza de uma entidade, e esta riqueza gerada é calculada a partir da diferença entre o valor de sua venda e dos bens produzidos por terceiros, utilizando seu processo produtivo.

Simonsen (1979, *apud* Santos e Hashimoto, 2003) conceitua o Valor Adicionado como a diferença entre o valor bruto da produção e os consumos intermediários dessa etapa. Dessa forma, o Produto Interno Bruto pode ser entendido como a soma dos valores adicionados em cada etapa do processo de produção. Ou seja, o Valor Adicionado representa o quanto de valor uma empresa agregou ao insumo que adquiriu. Conforme destaca Pereira (2013), este valor nos permite medir a riqueza gerada por um agente econômico, sendo uma maneira de acompanhar o desempenho dos diferentes segmentos da economia.

O valor adicionado fiscal (VAF) tem como fundamento legal a própria Constituição Federal brasileira, promulgada em 1988. Os artigos 158 e 159 determinam, entre outras coisas, que 25% das receitas originadas pelo Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), arrecadada pelo Estado, devem ser entregues aos municípios, bem como um quarto dos 10% que os Estados recebem da União referentes à arrecadação do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI); a partir desses percentuais é feito um rateio entre os municípios do Estado, utilizando o índice do VAF como referência. Ademais, este índice também é utilizado para o repasse da parcela da desoneração das exportações (Lei Kandir²). Nesse sentido, quanto mais alto for o valor do índice num determinado município, maior será sua respectiva parcela a receber e maior será a disponibilidade de recursos para investimentos sociais, educacionais, de infraestrutura etc. (BRASIL, 2020).

A CNAE 2.0 é uma classificação que tem como objetivo categorizar empresas, instituições públicas, organizações sem fins lucrativos, além de profissionais autônomos, a partir de códigos de identificação. Essa categorização também foi engendrada com o intuito de produzir estatísticas dos fenômenos derivados da participação dessas unidades no processo de desenvolvimento econômico.

Originalmente desenvolvido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 1994, a primeira versão da CNAE, denominada CNAE 1.0, possuía quatro níveis hierárquicos, sendo definido um quinto nível em 1998. Em 2000, 2002 e 2007 houveram atualizações dessas classificações, sendo denominadas de CNAE-Fiscal 1.0, CNAE-fiscal 1.1

² Lei Complementar nº 87/1996, a qual prevê a isenção do pagamento do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) sobre as exportações de produtos primários, como itens agrícolas, semielaborados ou serviços. Por conta da desoneração deste tributo de competência estadual, a lei sempre provocou polêmica entre os governadores e exportadores, que alegam perda de arrecadação devido à isenção do imposto nesses produtos (DAGOSTIM, 2005).

e CNAE-Versão 2.0, respectivamente. Essas atualizações objetivaram melhorar a percepção da economia do país, além de padronizar os códigos nas diversas esferas governamentais.

3. INDICADORES DE ANÁLISE REGIONAL

A partir destas definições quanto às delimitações geográficas e organizacionais deste trabalho, destaca-se que as análises das microrregiões estão baseadas em quatro indicadores de análise regional, quais sejam, o Quociente Locacional (QL), o Coeficiente de Especialização (CE) e o *Shift-Share* (Diferencial-Estrutural), coconsiderando a mesorregião Oeste como a região de referência.

Conforme destaca Paiva (2006, Pag. 92), “O Quociente Locacional busca expressar a importância comparativa de um segmento produtivo para uma região *vis-à-vis* à macrorregião na qual aquela está inserida”. Ou seja, a partir do QL podemos inferir qual região se dedica a uma determinada atividade econômica, quando comparada às demais regiões analisadas. O autor comenta ainda que, usualmente, esse indicador é calculado a partir da variável emprego, porém, este trabalho adaptará esse indicador utilizando-o com a variável proposta inicialmente, o valor adicionado fiscal. A interpretação deste indicador é feita da seguinte forma: $QL \geq 1$ significa que determinada região é especializada num determinado setor produtivo; quando for $\leq 0,99$, considera-se que o setor não destoa dos demais, ou seja, não é especializado.

A equação do QL terá a seguinte configuração:

$$QL = \frac{\frac{VAF_{ij}}{VAF_{Tj}}}{\frac{VAF_{iT}}{VAF_{TT}}}$$

Onde:

VAF_{ij} = valor adicionado fiscal do setor i na região j

VAF_{Tj} = valor adicionado fiscal total dos setores na região j

VAF_{iT} = valor adicionado fiscal do setor i na região de referência

VAF_{TT} = valor adicionado fiscal total dos setores na região de referência

O próximo indicador a ser comentado é o Coeficiente de Especialização (CE), o qual, segundo Alves (2012, Pág 36), “(...) compara a estrutura produtiva da região j com a estrutura produtiva da região de referência. Assim, será especializada aquela região que possuir uma estrutura produtiva mais diferenciada da região de referência”. De acordo com Lima (2006), este coeficiente fornece informações sobre o nível de especialização de uma região quando

comparada com a região de referência. Quanto mais próximo de zero for seu resultado, menos especializada ela é; em outras palavras, mais parecida ela é em relação à região de referência. Quanto mais próximo de 1 for o resultado, significa que a região demonstra um elevado grau de especialização, quando comparada à região de referência.

Conforme explica Alves (2012, Pág 37); “O CE_i é o somatório para todos os setores da participação percentual do setor i na região j , menos a participação percentual do i na região de referência, dividido por 2, conforme a seguinte equação:

$$CE_i = \sum_i \frac{i^{VAFj} - \sum_j i^{VAF_T}}{2}$$

Onde:

i^{VAFj} = participação percentual do setor i na região j

i^{VAF_T} = participação percentual do i na região de referência

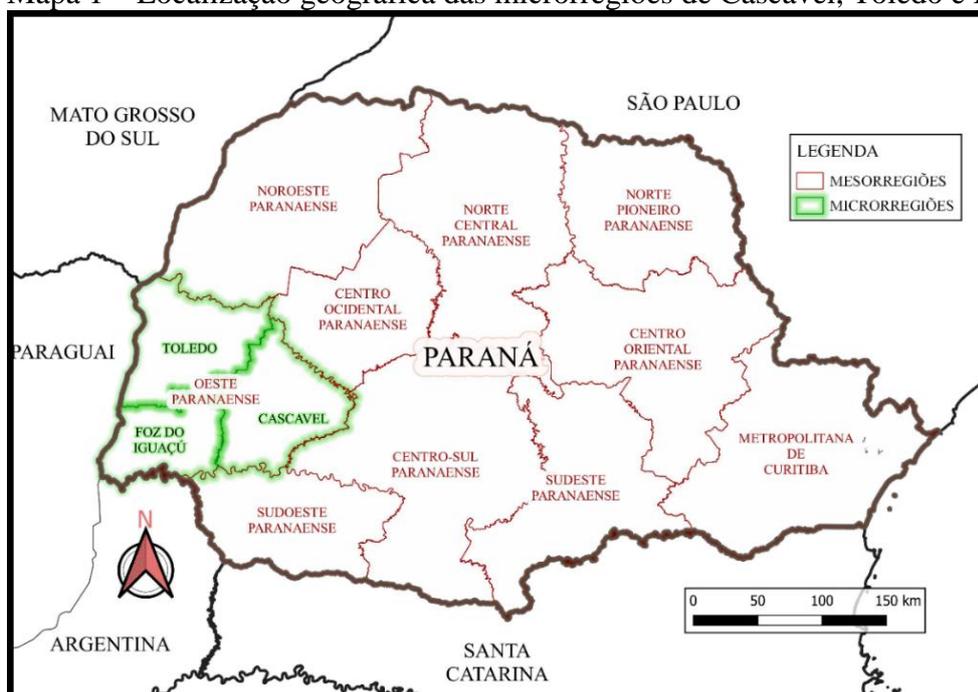
O último indicador a ser comentado é o *Shift-Share*, também conhecido como método Estrutural-Diferencial. Segundo Simões (2005), a partir deste método é possível saber quais setores foram responsáveis pelo crescimento econômico das regiões. Este método é subdividido em duas variações: Variação Estrutural e a Variação Diferencial. A Variação Estrutural reflete a mudança atribuída à configuração produtiva da região (diferença do dinamismo entre a região e sua referência); a Variação Diferencial indica as mudanças que ocorreram em consequência do crescimento desigual do setor produtivo em âmbito regional e nacional (vantagens e desvantagens da economia regional). Desse modo é possível verificar se uma região teve um crescimento maior do que a média registrada nas demais regiões, seja por possuir mais setores dinâmicos ou por possuir uma estrutura forte numa determinada variável, a qual impulsiona o desenvolvimento.

A partir dessa variação total, é possível fazer uma análise seccionada por três componentes, quais sejam: componente macrorregional (R), o qual demonstra o quanto a região teria variado caso tivesse obtido a mesma variação da região de referência; componente proporcional (P), o qual demonstra a diferença entre a variação de um setor específico na região de referência e a variação agregada desta região; e o componente diferencial (D), o qual demonstra a diferença entre a variação efetiva de cada região e a variação média de cada setor na região de referência.

4. METODOLOGIA

A variável principal a ser utilizada neste estudo é o valor adicionado fiscal (VAF), o qual foi adaptado aos indicadores de análise regional a fim de satisfazer o objetivo proposto. As análises serão delimitadas geograficamente pelas microrregiões (MIR) de Cascavel, Toledo e Foz do Iguaçu, sendo a mesorregião Oeste do Paraná a região de referência, conforme o mapa apresentado a seguir; a delimitação temporal será dos anos de 2007, 2013 e 2018.

Mapa 1 – Localização geográfica das microrregiões de Cascavel, Toledo e Foz do Iguaçu



Fonte: Desenvolvido pelo autor com base em IBGE (2020).

Para uma análise mais apurada e detalhada, a variável imputada à cada microrregião será discriminada pelas seções da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE 2.0), a partir da qual será possível analisar cada subsetor da economia.

As categorias foram definidas em segmentos homogêneos, considerando as similaridades de funções produtivas (insumos, tecnologias, processos), características dos bens e serviços, finalidade de uso etc. Saliente-se que esta é uma classificação por tipo de atividade econômica e não uma classificação de produtos, os quais possuem classificações próprias.

Conforme comentado, a CNAE-Versão 2.0 possui cinco níveis hierárquicos, quais sejam: Seção (primeiro nível, com 21 grupamentos), Divisão (segundo nível, com 87 grupamentos), Grupo (terceiro nível, com 285 grupamentos), Classe (quarto nível, com 673 grupamentos), e Subclasse (quinto nível, com 1301 grupamentos). Este trabalho se aterá apenas

ao nível hierárquico das seções, as quais estão expostas no Quadro 1, uma vez que, mesmo que este nível hierárquico seja sintético e expresse apenas uma indicação geral do seu conteúdo, ainda assim é possível fazer uma análise interessante dos dados coletados.

Quadro 1 – Discriminação das seções da CNAE 2.0

Seção	Denominação
A	Agricultura, Pecuária, Produção Florestal, Pesca e Aquicultura
B	Indústrias Extrativas
C	Indústrias de Transformação
D	Eletricidade e Gás
E	Água, Esgoto, Atividades de Gestão de Resíduos e Descontaminação
F	Construção
G	Comércio; Reparação de Veículos Automotores e Motocicletas
H	Transporte, Armazenagem e Correio
I	Alojamento e Alimentação
J	Informação e Comunicação
K	Atividades Financeiras, de Seguros e Serviços Relacionados
L	Atividades Imobiliárias
M	Atividades Profissionais, Científicas e Técnicas
N	Atividades Administrativas e Serviços Complementares
O	Administração Pública, Defesa e Seguridade Social
P	Educação
Q	Saúde Humana e Serviços Sociais
R	Artes, Cultura, Esporte e Recreação
S	Outras Atividades de Serviços
T	Serviços Domésticos
U	Organismos Internacionais e Outras Instituições Extraterritoriais

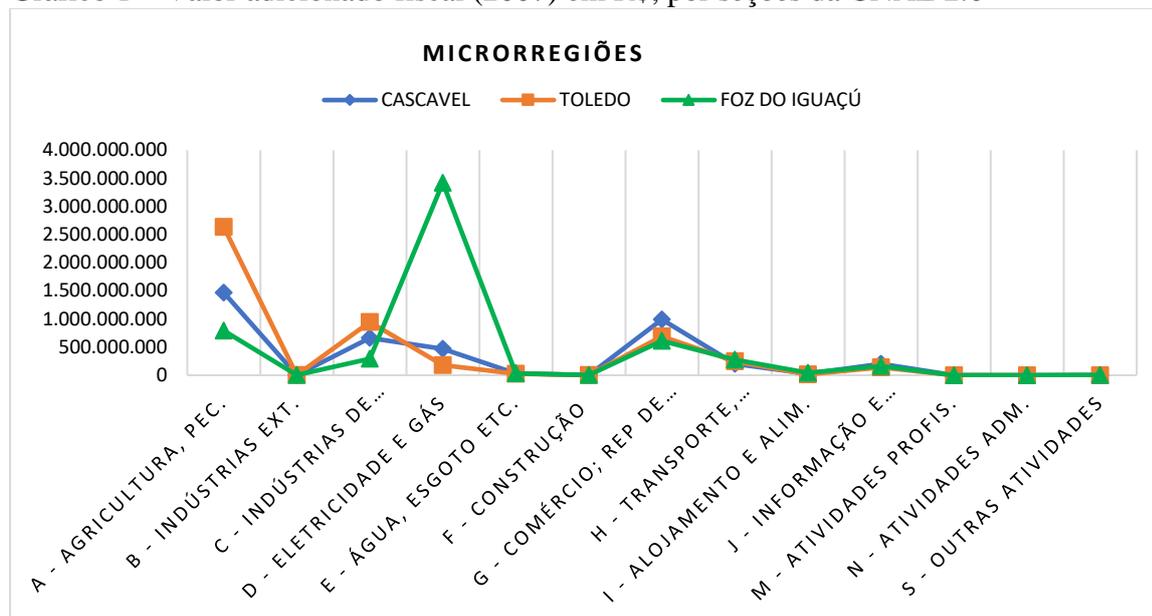
Fonte: IPARDES (2020)

Ainda que sintético, não há dados do valor adicionado fiscal para todas as seções da CNAE, considerando as microrregiões selecionadas. Nesse sentido, optou-se por suprimir essas classificações nas análises pelo fato de não haver dados disponíveis para alguns anos e/ou microrregiões, e dependendo a seção, não haver dados para nenhum ano e/ou microrregiões. Ou seja, as análises de dados estão baseadas apenas nas seções de atividades em que haviam dados disponíveis para todas as microrregiões e em todos os anos, possibilitando a comparação destes; as seções suprimidas são as seguintes: K, L, O, P, Q, R, T e U.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para esta seção será apresentado, primeiramente, o resultado dos dados absolutos, a partir dos quais conjecturaremos as primeiras análises, aprofundando-as posteriormente a partir do que os indicadores demonstrarem em seus resultados.

Gráfico 1 – Valor adicionado fiscal (2007) em R\$, por seções da CNAE 2.0



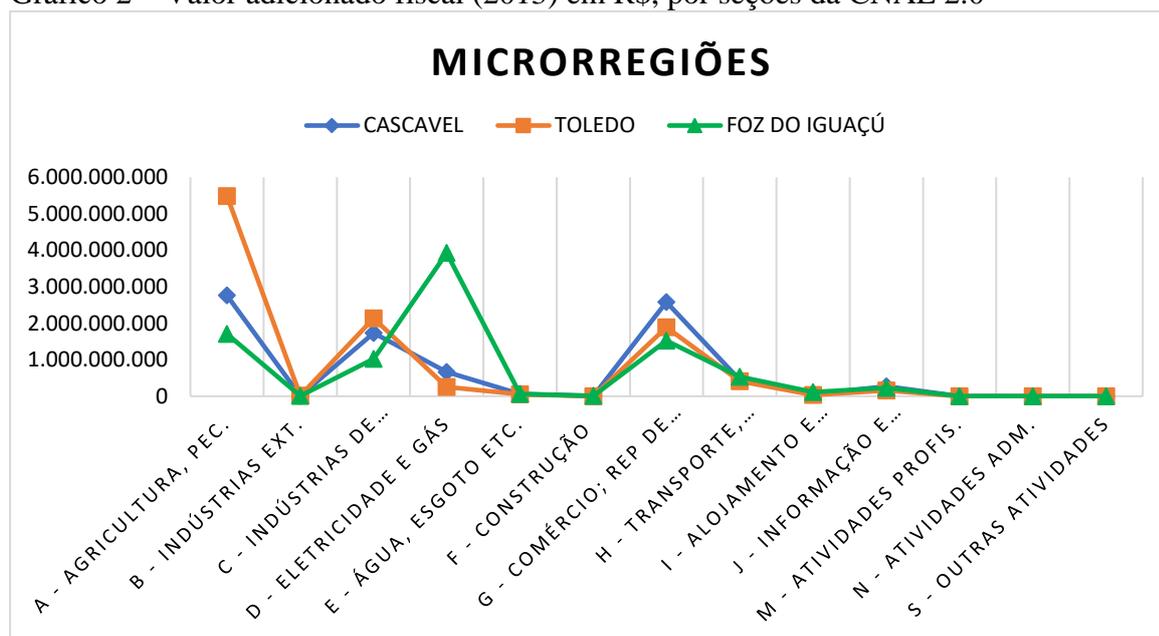
Fonte: Desenvolvido pelo autor a partir de IPARDES (2020).

A partir do Gráfico 1 é possível perceber que cada microrregião possui ao menos uma seção de atividades econômicas que se destoa das demais. A microrregião de Cascavel se destaca no VAF obtido pelo setor do comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas (Seção G); a microrregião de Toledo se destaca nos setores da agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura (Seção A) e das indústrias de transformação (Seção C); e a microrregião de Foz do Iguaçu se destaca no setor de eletricidade e gás (Seção D).

Apesar da microrregião de Toledo se destacar no setor econômico da agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura (Seção A), este setor também é bastante relevante para as demais microrregiões, numa intensidade menor. Na microrregião de Cascavel, este foi o setor mais importante em 2007, auferindo um valor adicionado fiscal de R\$1.468.597.468,00 ante R\$992.095.722,00 do segundo setor mais importante, comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas (Seção G), no qual esta microrregião se destaca em relação a Toledo e Foz do Iguaçu. Quando consideramos a microrregião de Foz do Iguaçu, é possível perceber que esta se destaca, majoritariamente, no setor de Eletricidade e Gás (Seção D), sendo detentora de um VAF de R\$3.421.484.460,00 ante R\$789.581.119,00 do segundo setor mais relevante economicamente, o da agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura (Seção A).

Quando comparamos o Gráfico 1 com o Gráfico 2, é possível verificar que as configurações gerais das atividades produtivas de cada microrregião não se alteraram. Contudo, é pertinente destacar as variações percentuais ocorridas em alguns setores. Na microrregião de Cascavel destacam-se as seções M (atividades profissionais, científicas e técnicas [406,01%]), B (indústrias extrativas [305,35%]), N (atividades administrativas e serviços complementares [301,65%]) e G (comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas [160,33%]); na microrregião de Toledo destacam-se as seções B (indústrias extrativas [1.000,05%], ainda que pouco representativa no total), F (construção [510,98%]) e G (comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas [173,16%]); e na microrregião de Foz do Iguaçu, destacam-se as seções B (indústrias extrativas [1.111,32%]), F (construção civil [309,45%]), C (indústrias de transformação [253,75%]) e N (atividades administrativas e serviços complementares [219,66%]).

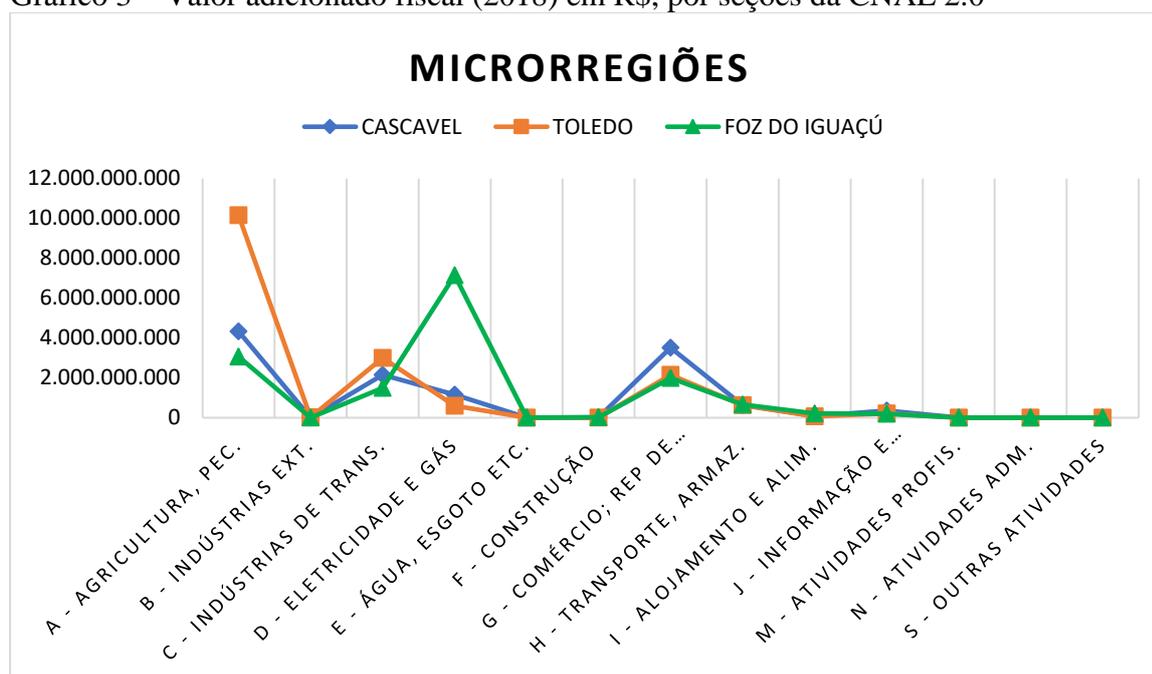
Gráfico 2 – Valor adicionado fiscal (2013) em R\$, por seções da CNAE 2.0



Fonte: Desenvolvido pelo autor a partir de IPARDES (2020).

Em relação às variações ocorridas no período 2013-2018, infere-se que não houve variações expressivas como no período anterior, com exceção das Seções M (atividades profissionais, científicas e técnicas) e F (construção) da microrregião de Toledo, as quais variaram 2.744,07% e 178,90 %, respectivamente; e da seção F (construção) na microrregião de Foz do Iguaçu, a qual variou 178,61%.

Gráfico 3 – Valor adicionado fiscal (2018) em R\$, por seções da CNAE 2.0



Fonte: Desenvolvido pelo autor a partir de IPARDES (2020).

De forma geral é possível perceber, a partir dos gráficos apresentados, que a mesorregião Oeste paranaense possui uma estrutura produtiva embasada majoritariamente nas atividades das seções A, C e G. E considerando apenas essas atividades numa análise seccionada, é possível verificar o potencial destas atividades em relação ao restante do Paraná.

Ou seja, considerando apenas as atividades pertinentes à seção A, infere-se que a mesorregião Oeste obteve a maior participação percentual média dos três anos, 23,57% do VAF total do Paraná. Ou seja, quase $\frac{1}{4}$ do VAF do Paraná, considerando apenas a seção A, é proveniente da mesorregião Oeste, demonstrando que esta é uma atividade bastante relevante às microrregiões estudadas.

Fazendo essa mesma análise comparativa para as atividades pertinentes às seções C e G, infere-se que, em relação à seção C, a mesorregião Oeste obteve uma participação percentual média de 5,57%, atrás da mesorregião Norte Central paranaense (12,02%), Centro Oriental Paranaense (9,59%) e Metropolitana de Curitiba (60,89%). E em relação à seção G, a mesorregião Oeste obteve a terceira maior participação percentual, 10,65%, atrás da mesorregião Norte Central paranaense (20,13%) e Metropolitana de Curitiba (46,47%).

A pujança do setor terciário (seção G) é explicada, principalmente, pela localização estratégica do município de Cascavel, o qual está no entroncamento das principais rodovias da região (CONTE, 2012). O comércio varejista de Cascavel é bastante diversificado e atende

praticamente todas a demanda regional, sem necessitar do suporte de outros centros urbanos (MALDANER; LIMA; GRECO, 2007).

Em relação a Foz do Iguaçu, constata-se que esta possui uma expressiva exploração dos atrativos turísticos (cataratas do Iguaçu³ e Itaipu Binacional⁴) e do comércio de fronteira com o Paraguai e Argentina, sendo a segunda cidade mais visitada do país, atrás do Rio de Janeiro (CONTE, 2012).

A Itaipú Binacional foi a principal responsável pela dinamização do turismo em Foz do Iguaçu, contribuindo sobremaneira para a acelerada expansão da infraestrutura voltada ao atendimento de turistas na cidade; a Itaipú Binacional também é principal responsável pelos altos valores do VAF da seção D na microrregião de Foz do Iguaçu verificados nos gráficos apresentados.

A partir do Quadro 2, o qual apresenta o Quociente Locacional das microrregiões, é possível perceber que em todos os anos a microrregião que detém o maior número de $QL \leq 1$ é a microrregião de Toledo, enquanto a segunda é a microrregião de Foz do Iguaçu, seguida por Cascavel, com o menor número de $QL \leq 1$; ou seja, a microrregião de Cascavel é a que detém o maior número de setores especializados, demonstrando possuir um maior dinamismo em relação às demais.

Quadro 2- Quociente Locacional das microrregiões de Cascavel, Toledo e Foz do Iguaçu (2007, 2013 e 2018).

MIR CNAE 2.0	2007			2013			2018		
	Cascavel	Toledo	Foz Do Ig.	Cascavel	Toledo	Foz Do Ig.	Cascavel	Toledo	Foz Do Ig.
A – Agricultura, Pec.	1,077	1,607	0,418	0,909	1,488	0,528	0,885	1,508	0,517
B – Indústrias Ext.	1,879	0,837	0,507	0,918	1,098	0,965	0,963	1,334	0,651
C – Indústrias de Tr.	1,253	1,487	0,395	1,159	1,179	0,647	1,160	1,178	0,665
D – Eletr. e Gás	0,414	0,132	2,175	0,450	0,140	2,500	0,465	0,175	2,382
E – Água, Esg. etc.	1,266	0,831	0,955	1,182	0,769	1,092	1,493	1,167	0,402
F – Construção	2,588	0,308	0,454	1,697	0,608	0,792	1,372	0,752	0,974
G – Com; Rep de V.	1,552	0,899	0,689	1,412	0,850	0,783	1,644	0,731	0,774
H – Transp., Armaz.	1,010	1,021	0,975	1,052	0,800	1,179	1,169	0,855	1,025
I – Aloj. e Alim.	1,039	0,548	1,364	0,811	0,440	1,817	0,848	0,468	1,731
J – Infor. e Comun.	1,423	0,825	0,847	1,378	0,634	1,063	1,644	0,724	0,781
M – Ativid. Profis.	0,216	0,175	2,281	1,471	0,056	1,635	1,145	0,862	1,037
N – Atividades Adm.	0,900	0,404	1,589	1,039	0,176	1,905	1,708	0,421	1,074
S – Outras Ativid.	1,398	0,740	0,938	0,925	0,412	1,742	0,452	0,925	1,539

Fonte: Desenvolvido pelo autor a partir de IPARDES (2020).

³ É um conjunto de cerca de 275 quedas de água no rio Iguaçu (na Bacia hidrográfica do rio Paraná), localizada entre o Parque Nacional do Iguaçu, no Brasil, e o Parque Nacional Iguazú em Misiones, na Argentina, na fronteira entre os dois países (SALAMUNI *et al*, 2002).

⁴ É uma usina hidrelétrica binacional localizada no Rio Paraná, na fronteira entre o Brasil e o Paraguai. A barragem foi construída pelos dois países entre 1975 e 1982. O nome Itaipu foi tirado de uma ilha que existia perto do local de construção (SALAMUNI *et al*, 2002).

Em relação à microrregião de Cascavel, percebe-se que os maiores QLS de 2007 estão nos setores da construção (2,588) e de indústrias extrativas (1,879), seguido pelo comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas (1,552). A partir de 2013, no entanto, houveram algumas modificações. Os setores da construção e comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas ainda expressavam relevância econômica, mas o setor de indústrias extrativas diminuiu bastante sua relevância, comparado aos demais setores, auferindo um QL de 0,918. As atividades da seção M também experimentaram relevante expansão no período 2007-2013, auferindo um QL de 1,471, em 2013, ante 0,216, em 2007.

A partir de 2018 é possível verificar uma modificação interessante na estrutura produtiva da microrregião de Cascavel. O QL mais alto estava no setor produtivo das Atividades Administrativas (QL de 1,708), a qual engloba atividades como: (i) aluguéis não-imobiliários e gestão de ativos intangíveis não-financeiros e (ii) seleção, agenciamento e locação de mão-de-obra; essa expressividade por ser explicada pelo crescimento dos setores das seções F e G, as quais possuem elevada demanda por mão de obra. O setor produtivo com o segundo maior QL é o do comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas, cujo detém o mesmo QL do setor de Informação e Comunicação, ou seja, 1,644.

Quando comparamos essas atividades com as demais microrregiões em análise, percebemos que a microrregião de Cascavel apresentou, nos três anos, uma relevância bastante superior às demais microrregiões nas seguintes seções da CNAE 2.0, considerando os principais QLS ≥ 1 : (i) construção e (ii) comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas. A economia da microrregião está ligada à agropecuária em conjunto com a indústria de transformação, armazenagem e comunicação e bens e serviços, em especial os ligados ao comércio, reparação de veículos automotivos juntamente com a construção e serviços domésticos (SOUZA, 2012).

Em relação à microrregião de Toledo, é possível perceber que esta se caracteriza, nos três anos, por sua especialidade (principais QLS ≥ 1) nos seguintes setores produtivos: (i) agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura e (ii) indústrias de transformação. Além de seguidamente se destacar na produção agropecuária nacional, a microrregião de Toledo sedia diversas indústrias de grande porte e de alta tecnologia, como a BRF, Prati Donaduzzi, Cargill, dentre outras, fazendo desta uma microrregião de grande relevância econômica no setor de transformação.

Pode-se perceber o município [de Toledo possui] uma base industrial alicerçada na agroindústria de carnes, fios têxteis, nutrientes animais, indústria farmacêutica e indústria metal mecânica. Essas atividades são demandantes de mão de obra com

qualificação específica, formando uma massa salarial significativa na cidade, o que fortalece, por exemplo, o setor terciário (HERSEN *et al*, 2010, p. 79)

Conforme já comentado, a microrregião de Foz do Iguaçu possui, no entanto, uma estrutura produtiva bastante diversificada das demais, uma vez que os principais QLS ≥ 1 , considerando os três anos analisados, estão nos setores produtivos de (i) eletricidade e gás, (ii) alojamento e alimentação, (iii) atividades profissionais, científicas e técnicas e (iv) atividades administrativas e serviços complementares.

Quadro 3 - Coeficiente de Especialização das microrregiões de Cascavel, Toledo e Foz do Iguaçu (2007, 2013 e 2018).

Microrregião	2007	2013	Δ % (2007-13)	2018	Δ % (2013-18)
Cascavel	0,163	0,128	-21,47	0,155	24,00
Toledo	0,268	0,203	-24,25	0,230	13,30
Foz do Iguaçu	0,330	0,274	-16,96	0,287	4,74

Fonte: Desenvolvido pelo autor a partir de IPARDES (2020).

A partir do Quadro 3, o qual apresenta o Coeficiente de Especialização (CE), é possível perceber que a microrregião que possui o maior número de QLS ≥ 1 é a mesma que possui o menor Coeficiente de Especialização, no caso a microrregião de Cascavel. A partir disso, podemos inferir que a microrregião de Cascavel é a que possui a estrutura produtiva mais diversificada, comparada às demais; em outras palavras, esta é a menos especializada. A microrregião que auferiu o maior coeficiente de especialização e, portanto, a que possui uma estrutura produtiva menos diversificada em relação à região de referência é Foz do Iguaçu; Toledo apresentou valores intermediários.

Correlacionando o Coeficiente de Especialização com o Quociente Locacional apresentado anteriormente, podemos perceber que a microrregião de Foz do Iguaçu, mesmo sendo a mais especializada, é a que detém a quantidade intermediária de QLS ≥ 1 , sendo a microrregião de Toledo a que possui o menor número de QLS ≥ 1 . Porém, este fato pode ser explicado pelo fato de os QLS ≥ 1 na microrregião de Foz do Iguaçu possuírem um quociente mais expressivo que os da microrregião de Toledo. Ou seja, a microrregião de Foz do Iguaçu, em todos os anos, obteve ao menos dois QLS acima ou próximo a 2, enquanto a microrregião de Toledo só obteve um QL próximo a 1,5 enquanto os demais, próximo a 1.

Para entender essas modificações, se faz interessante realizar o cálculo de mais um indicador, o *shift-share* (diferencial-estrutural), o qual demonstra quais foram os setores primordiais nessas modificações geográficas, e quais obtiveram um crescimento expressivo no período analisado, sendo considerados setores mais dinâmicos que os demais. Para este

indicador, optou-se por analisar apenas as microrregiões de Toledo e Foz do Iguaçu, uma vez que a estrutura produtiva desta se destoa bastante das demais, enquanto aquela possui uma estrutura produtiva muito parecida com a microrregião de Cascavel.

Quadro 9 – *Shift-Share* (Diferencial-Estrutural) da microrregião de Foz do Iguaçu (2007-2013), em R\$

Seção CNAE 2.0	VAF MIR 2007	Componente R	Componente P	Componente D	VAF MIR 2013	Δ % MIR	Δ % Oeste
A – Agr., Pec.	789.581.119,00	3.156.936.339,60	6.006.153.805,40	-8.247.726.510,00	1.704.944.754,00	115,93	1.160,50
B – Ind. Ext.	928.016,00	3.710.432,49	31.258.906,51	-24.656.075,00	11.241.280,00	1.111,32	3.768,18
C – Ind. de Tr.	289.952.248,00	1.159.299.236,56	3.440.678.763,44	-3.864.201.278,00	1.025.728.970,00	253,76	1.586,46
D – Eletr. e Gás	3.421.484.460,00	13.679.922.641,56	-12.262.380.836,56	-915.401.000,00	3.923.625.265,00	14,68	41,43
E – Ág., Esg. etc.	33.052.482,00	132.151.819,53	4.635.453,47	-109.664.650,00	60.175.105,00	82,06	413,85
F – Construção	1.128.351,00	4.511.420,28	12.355.458,72	-13.375.086,00	4.620.144,00	309,46	1.494,83
G – Comér.; Rep.	610.125.163,00	2.439.428.011,17	2.943.522.143,83	-4.470.019.849,00	1.523.055.469,00	149,63	882,27
H – Tr., Armaz.	272.963.231,00	1.091.373.036,39	21.919.673,61	-855.927.541,00	530.328.400,00	94,29	407,85
I – Aloj. e Alim.	44.211.350,00	176.767.673,49	-23.659.831,49	-80.999.088,00	116.320.104,00	163,10	346,31
J – Infor. e Com.	164.920.836,00	659.393.402,14	-170.697.585,14	-428.257.932,00	225.358.721,00	36,65	296,32
M – Ativ. Profis.	535.960,00	2.142.897,75	-2.267.089,75	-193.350,00	218.418,00	-59,25	-23,17
N – Ativ. Adm.	324.971,00	1.299.312,68	57.184,32	-642.639,00	1.038.829,00	219,67	417,42
S – Outras Ativ.	641.405,00	2.564.492,37	-1.576.046,37	-708.829,00	921.022,00	43,59	154,11
Total	5.629.849.592,00	22.509.500.716,00			9.127.576.481,00	62,13	399,82

Fonte: Desenvolvido pelo autor a partir de IPARDES (2020).

A partir do Quadro 9 é possível perceber que os setores produtivos que obtiveram um maior crescimento no período 2007-2013 foram os das seções A, B, C, E, F, G, H, e N. Também é possível perceber que a variação percentual desta microrregião foi bem aquém do que a mesorregião em que está inserida, uma vez que a mesorregião Oeste obteve um crescimento 6,43 vezes maior que a microrregião de Foz do Iguaçu. Quando comparamos os componentes P (fatores exógenos) e D (fatores endógenos), percebemos que o crescimento verificado neste período se deveu, principalmente, aos fatores exógenos, uma vez que os valores do componente D foram todos negativos.

Quadro 10 – *Shift-Share* (Diferencial-Estrutural) da microrregião de Foz do Iguaçu (2013-2018), em R\$.

Seção CNAE 2.0	VAF MIR 2007	Componente R	Componente P	Componente D	VAF MIR 2013	Δ % MIR	Δ % Oeste
A – Agr., Pec.	1.704.944.754,00	2.658.363.234,73	344.704.627,01	54.992.852,26	3.058.060.714,00	79,36	76,14
B – Ind. Ext.	11.241.280,00	17.527.491,96	-6.443.650,64	-3.317.821,32	7.766.020,00	-30,92	-1,40
C – Ind. de Tr.	1.025.728.970,00	1.599.324.656,27	-205.001.961,83	96.364.577,56	1.490.687.272,00	45,33	35,93
D – Eletr. e Gás	3.923.625.265,00	6.117.747.291,74	1.095.818.673,31	-67.622.237,04	7.145.943.728,00	82,13	83,85
E – Ág., Esg. etc.	60.175.105,00	93.825.495,75	-86.752.657,69	-4.363.818,06	2.709.020,00	-95,50	-88,25
F – Construção	4.620.144,00	7.203.764,77	2.855.536,56	2.812.905,67	12.872.207,00	178,61	117,73
G – Comér.; Rep.	1.523.055.469,00	2.374.760.034,75	-433.884.754,87	51.341.326,12	1.992.216.606,00	30,80	27,43
H – Tr., Armaz.	530.328.400,00	826.892.201,40	-88.797.161,96	-71.464.367,44	666.630.672,00	25,70	39,18
I – Aloj. e Alim.	116.320.104,00	181.367.218,62	33.932.790,67	-2.071.167,29	213.228.842,00	83,31	85,09
J – Infor. e Com.	225.358.721,00	351.381.085,59	-85.316.120,52	-62.797.082,07	203.267.883,00	-9,80	18,06
M – Ativ. Profis.	218.418,00	340.559,06	45.401,96	-131.472,02	254.489,00	16,51	76,71
N – Ativ. Adm.	1.038.829,00	1.619.750,33	-918.987,37	-290.134,96	410.628,00	-60,47	-32,54
S – Outras Ativ.	921.022,00	1.436.064,73	-792.864,18	-52.520,55	590.680,00	-35,87	-30,16
Total	9.127.576.481,00	14.231.788.849,68			14.794.638.761,00	62,09	55,92

Fonte: Desenvolvido pelo autor a partir de IPARDES (2020).

A partir da análise do período posterior (2013-2018) da mesma microrregião, percebe-se que o crescimento percentual total foi bastante semelhante à mesorregião Oeste, e os setores mais dinâmicos neste período foram os das seções A, C, D, F, G, I e M. Outra diferença a ser salientada em relação ao período anterior, é que os valores obtidos nos componentes P e D foram bastante semelhantes, mas ainda assim é possível perceber uma predominância dos fatores exógenos.

Quadro 11 – *Shift-Share* (Diferencial-Estrutural) da microrregião de Toledo (2007-2013), em R\$.

Seção CNAE 2.0	VAF MIR 2007	Componente R	Componente P	Componente D	VAF MIR 2013	Δ % MIR	Δ % Oeste
A – Agr., Pec.	2.633.670.554,00	10.530.052.047,08	20.033.698.931,54	-27.710.040.465,62	5.487.381.067,00	108,35	1.160,50
B – Ind. Ext.	1.327.350,00	5.307.066,43	44.709.907,55	-36.742.750,98	14.601.573,00	1.000,05	3.768,18
C – Ind. de Tr.	946.727.293,00	3.785.244.762,12	11.234.210.164,82	-13.830.789.325,94	2.135.392.894,00	125,56	1.586,46
D – Eletr. e Gás	180.378.395,00	721.196.462,72	-646.464.597,47	-4.426.763,25	250.683.497,00	38,98	41,43
E – Ág., Esg. etc.	24.930.526,00	99.678.274,47	3.496.387,76	-79.728.013,22	48.377.175,00	94,05	413,85
F – Construção	663.777,00	2.653.941,04	7.268.367,13	-6.530.498,17	4.055.587,00	510,99	1.494,83
G – Comér.; Rep.	690.873.753,00	2.762.280.409,75	3.333.090.181,93	-4.899.009.352,68	1.887.234.992,00	173,17	882,27
H – Tr., Armaz.	247.877.964,00	991.076.069,97	19.905.259,94	-848.182.629,90	410.676.664,00	65,68	407,85
I – Aloj. e Alim.	15.405.385,00	61.594.456,30	-8.244.236,22	-36.586.589,08	32.169.016,00	108,82	346,31
J – Infor. e Com.	139.369.886,00	557.234.522,42	-144.251.651,63	-398.868.944,79	153.483.812,00	10,13	296,32
M – Ativ. Profis.	35.752,00	142.945,15	-151.229,56	-19.000,59	8.467,00	-76,32	-23,17
N – Ativ. Adm.	71.586,00	286.218,15	12.596,81	-261.076,95	109.324,00	52,72	417,42
S – Outras Ativ.	438.568,00	1.753.500,97	-1.077.639,72	-865.523,25	248.906,00	-43,25	154,11
Total	4.881.770.789,00	19.518.500.676,55			10.424.422.974,00	113,54	399,82

Fonte: Desenvolvido pelo autor a partir de IPARDES (2020).

Em relação ao *Shift-Share* da microrregião de Toledo, no período 2007-2013 (Quadro 11), constata-se que esta obteve uma variação percentual de 1,82 vezes maior que a microrregião de Foz do Iguaçu, demonstrando possuir um maior dinamismo, portanto; em contrapartida, a mesorregião Oeste obteve um crescimento de 3,52 vezes maior que a microrregião de Toledo. Em relação aos componentes P e D, constata-se que apenas os valores do componente P (fatores exógenos) foram positivos, sendo os das seções A, B, C, E, F, G, H, e N.

Quadro 12 – *Shift-Share* (Diferencial-Estrutural) da microrregião de Toledo (2013-2018), em R\$.

Seção CNAE 2.0	VAF MIR 2013	Componente R	Componente P	Componente D	VAF MIR 2018	Δ % MIR	Δ % Oeste
A – Agr., Pec.	5.487.381.067,00	8.555.967.604,97	1.109.435.152,96	480.882.424,07	10.146.285.182,00	84,90	76,14
B – Ind. Ext.	14.601.573,00	22.766.887,16	-8.369.815,11	3.724.047,95	18.121.120,00	24,10	-1,40
C – Ind. de Tr.	2.135.392.894,00	3.329.521.351,23	-426.779.144,73	102.997.919,49	3.005.740.126,00	40,76	35,93
D – Eletr. e Gás	250.683.497,00	390.867.674,99	70.012.714,91	135.663.984,10	596.544.374,00	137,97	83,85
E – Ág., Esg. etc.	48.377.175,00	75.430.070,75	-69.743.933,19	3.257.529,44	8.943.667,00	-81,51	-88,25
F – Construção	4.055.587,00	6.323.503,06	2.506.605,20	2.481.039,74	11.311.148,00	178,90	117,73
G – Comér.; Rep.	1.887.234.992,00	2.942.591.603,78	-537.631.431,38	-262.731.618,40	2.142.228.554,00	13,51	27,43
H – Tr., Armaz.	410.676.664,00	640.330.276,03	-68.762.906,62	62.003.024,59	633.570.394,00	54,27	39,18
I – Aloj. e Alim.	32.169.016,00	50.158.182,09	9.384.314,91	6.039.183,00	65.581.680,00	103,87	85,09
J – Infor. e Com.	153.483.812,00	239.313.163,66	-58.105.776,18	33.382.343,52	214.589.731,00	39,81	18,06
M – Ativ. Profis.	8.467,00	13.201,81	1.760,01	225.846,17	240.808,00	2.744,08	76,71
N – Ativ. Adm.	109.324,00	170.458,84	-96.712,14	109.704,30	183.451,00	67,80	-32,54
S – Outras Ativ.	248.906,00	388.096,19	-214.271,38	230.181,19	404.006,00	62,31	-30,16
Total	10.424.422.974,00	16.253.842.074,57			16.843.744.241,00	61,58	55,92

Fonte: Desenvolvido pelo autor a partir de IPARDES (2020).

Em contrapartida, no período 2013-2018 quase todos os valores obtidos no componente D foram positivos, com exceção das atividades da seção G, o que demonstra ter havido um expressivo dinamismo a partir de fatores endógenos. O crescimento desta microrregião foi semelhante à região de referência, destacando o setor produtivo da seção M, a qual cresceu 2.744,08%.

4. CONCLUSÃO

Infere-se que o objetivo proposto inicialmente foi concluído, ou seja, analisou-se a estrutura produtiva das microrregiões de Toledo, Cascavel e Foz do Iguaçu a partir dos respectivos VAF, considerando os anos de 2007, 2013 e 2018. Com o intuito de auxiliar as análises, utilizou-se alguns indicadores de análise regional como o Quociente Locacional, Coeficiente de Especialização e o *Shift-Share*.

Inicialmente verificou-se que a estrutura produtiva das microrregiões de Cascavel e Toledo é sensivelmente distinta da estrutura produtiva da microrregião de Foz do Iguaçu. Enquanto a economia de Foz do Iguaçu é fundamentada principalmente pelo comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas (G) e eletricidade e gás (D), as microrregiões de Cascavel e Toledo possuem uma economia baseada na agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura (A), indústrias de transformação (C) e comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas (G).

Em relação aos destaques da microrregião de Foz do Iguaçu, infere-se que esta é uma microrregião fronteira com o Paraguai e Argentina, possuindo um grande fluxo de pessoas e, conseqüentemente, de bens e serviços, além de sediar a Itaipu Binacional, a qual, juntamente com as Cataratas do Iguaçu, dinamiza o setor turístico além de gerar importantes ativos econômicos à microrregião de Foz do Iguaçu.

Quando consideramos os destaques das microrregiões de Cascavel e Toledo, torna-se pertinente salientar algumas peculiaridades destas, ou seja, as duas microrregiões possuem expressividade econômica na agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura (A) e indústrias de transformação (C), mas a microrregião de Cascavel possui uma preponderância em relação à microrregião de Toledo no setor de comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas devido, principalmente, ao fato do município de Cascavel (município polo da respectiva microrregião) localizar-se no entroncamento das principais rodovias da região.

Essas expressividades econômicas refletiram-se no cálculo do QL, ou seja, a microrregião de Toledo obteve $QL \geq 1$ nas seções A e C nos três anos, enquanto a microrregião de Cascavel obteve $QL \geq 1$ nas seções C, E, F, G, H e J nos três anos, com destaque para as seções F e G, as quais foram as únicas que esta microrregião obteve um QL bastante dissonante das demais, demonstrando serem setores pujantes na região. Em relação aos QLS ≥ 1 da microrregião de Foz do Iguaçu, verificou-se que estes estão localizados nas seções D, I, M e N, com destaque para os setores da eletricidade e gás (D) e alojamento e alimentação (I), os quais se destoaram das demais microrregiões.

Como comentado, pelo fato de possuir uma estrutura produtiva um tanto dissonante das demais, a microrregião de Foz do Iguaçu apresentou os maiores índices do Coeficiente de Especialização, demonstrando possuir a estrutura produtiva menos diversificada, ou seja, a mais especializada; a microrregião de Cascavel apresentou os menores Coeficientes de Especialização, demonstrando ser uma microrregião bastante diversificada enquanto a microrregião de Toledo apresentou índices intermediários.

A partir do *Shift-Share* foi possível identificar os setores mais ou menos dinâmicos, além de constatar a origem desse dinamismo, ou seja, fatores endógenos ou exógenos. Em relação a Foz do Iguaçu inferiu-se que esta desenvolveu-se a partir de fatores exógenos, principalmente. Seu crescimento no primeiro período foi consideravelmente aquém do crescimento da região referência, 6,43 vezes menor, enquanto o crescimento do período posterior foi bastante semelhante.

Quando consideramos o *Shift-Share* aplicado à microrregião de Toledo, verifica-se que seu desempenho no período inicial foi um pouco melhor que o de Foz do Iguaçu, 3,52 vezes menor que a região de referência, enquanto seu desempenho no período posterior foi 1,10 vezes maior que a região de referência. A partir dessa diferença de desempenho verificada é possível inferir o quão importante é um setor econômico para a mesorregião Oeste, ou seja, as seções detentoras de um $QL \geq 1$ na microrregião de Toledo são mais expressivas do que as seções detentoras de um $QL \geq 1$ na microrregião de Foz do Iguaçu.

Espera-se, a partir deste trabalho, que a estrutura produtiva da mesorregião Oeste do Paraná, na figura de suas microrregiões, possa ser melhor entendida a partir desse aprofundamento analítico que se tentou desenvolver.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, L. R. Indicadores de localização, especialização e estruturação regional. *In*: PIACENTI, C. A.; LIMA, J. F. de. (Org.). **Análise Regional: Metodologias e Indicadores**. Curitiba: Editora Camões, 2012.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, 2020. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>/ Acesso em: 15/09/2020.
- CONTE, C. H.. **Foz do Iguaçu-PR na rede de cidades**. Dissertação (Mestrado em Geografia), 204 fls. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Área de Concentração: Análise Regional, da Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2012.
- DAGOSTIM, D. Créditos do ICMS: inconstitucionalidade da legislação complementar. **Revista Catarinense da Ciência Contábil**. Florianópolis, v.4, n.12. p. 65-73, ago/nov 2005.
- DONEGA, A.; GOMES, A. C. A. O padrão locacional da indústria nas microrregiões do Estado do Paraná. *In*: 1º Seminário Internacional de Integração e Desenvolvimento. De 02 a 04 de set. de 2013. **Anais [...]**. Ponta Porã, 2013.
- FAZOLI, J. C., *et al.* Incentivos fiscais como política pública de desenvolvimento industrial: uma análise empírica dos efeitos econômicos da concessão de crédito presumido de ICMS para as indústrias têxteis do estado de Santa Catarina. **Revista Catarinense da Ciência Contábil**. Florianópolis, SC, v. 17, n. 51, p. 59-74, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.16930/2237-7662/rccc.v17n51.2508>. Acesso em: 25/09/2020.
- FERREIRA, L. M. **Plano de manejo do Parque Nacional do Iguaçu**. Encarte 4 – Contexto Regional, 1999.
- GRECCO, C. P. *et al.* DVA-Demonstração do Valor Adicionado-Uma análise do setor que mais contribui para a distribuição de riqueza. *In*: XVII Congresso Brasileiro de Custos. **Anais [...]**. Belo Horizonte, 3 a 5 de novembro de 2010.
- HERSEN, A. *et al.* As fontes do crescimento econômico das cidades médias do Estado do Paraná. **Revista de História Econômica & Economia Regional Aplicada**. v. 5, nº 8, Jan-Jun de 2010.
- IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Geociências**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/geociencias/downloads-geociencias.html>>. Acesso em: 14/08/2020.
- IPARDES (Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico Social). **Base de Dados do Estado**. Curitiba, 2020. Disponível em: <<http://www.ipardes.pr.gov.br/imp/index.php>>. Acesso em: 20/09/2020.
- LIMA, J. F. de. Indicadores de desigualdade regional. *In*: PIACENTI, C. A.; LIMA, J. F. de. (Org.). **Análise Regional: Metodologias e Indicadores**. Curitiba: Editora Camões, 2012.

LIMA, J. F. de, *et al.* O padrão de localização e de difusão da mão-de-obra na Região Sul do Brasil (1991-00). **Revista Ensaio FEE**. Porto Alegre, v. 28, n. 1, p. 189-224, jul. 2007.

MALDANER, I. de S.; LIMA, J. F. de.; GRECO, S. C. B. A estrutura urbana no oeste do paraná: a influência da cidade de cascavel no seu entorno. **Revista Raega**. Curitiba, Editora UFPR, n. 14, p. 7-18, 2007.

NA OES UNIDAS. **Manual para a produ o de estatísticas sobre a economia da informa o**. In: Conferência das Na es Unidas Sobre Comércio e Desenvolvimento. Nova York e Genebra, 2010. Disponível em: <https://unctad.org/system/files/official-document/sdteecb20072rev1_pt.pdf>. Acesso em: 02/10/2020

PAIVA, C.  . Desenvolvimento regional, especializa o e suas medidas. **Indicadores Econ micos FEE**. Porto Alegre, v. 34, n. 1, p. 89-102, jul. 2006.

PEREIRA, J. A. M. **Um estudo sobre valor adicionado e suas dificuldades de acompanhamento no município** – o caso de Ijuí-RS. Ijuí, 2013. Disponível em: <http://www.ijui.rs.gov.br/downloads/perfil_do_municipio_r3h2l.pdf>. Acesso em: 26/09/2020.

SALAMUNI, R. *et al.* Parque Nacional do Iguaçu, PR – Cataratas de fama mundial. Revista Sigepe. v. 11, p. 313-321, Brasília, 2002. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/307088527_Parque_Nacional_do_Iguacu_PR_Cataratas_de_fama_mundial>. Acesso em: 05/10/2020.

SANTOS, A. dos; HASHIMOTO, H. Demonstra o do valor adicionado: algumas considera es sobre carga tributária. **Revista de Administra o Da Universidade de São Paulo**. São Paulo, v.38, n.2, p.153-164, abr./maio/jun. 2003.

SIMÕES, R. **Métodos de análise regional e urbana**: Diagnóstico aplicado ao planejamento. Texto para discussão n  259. CEDEPLAR/Face/UFMG, Belo Horizonte, 2005. Disponível em: <<https://www.cedeplar.ufmg.br/publicacoes/textos-para-discussao/textos/2005/522-259-metodos-de-analise-regional-e-urbana-diagnostico-aplicado-ao-planejamento>>. Acesso em: 27/09/2020.

SOUZA, Marilia, *et al.* **Cidades Inovadoras**: Cascavel 2030. Paraná: SENAI – Departamento Regional do Paraná, 2012.